



# PERSPECTIVAS QUE FUNDAMENTAM OS ESTUDOS SOBRE ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Cibele Moreira Monteiro<sup>1</sup>, Ana Paula de Freitas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco (USF) e Docente da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), cibeleunifei@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Docente da Universidade São Francisco (USF), anapaula.freitas@usf.edu.br

Agência Financiadora: CAPES

**Resumo:** Nossa pesquisa foi desenvolvida com os objetivos de analisar quais perspectivas têm embasado os estudos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento de adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) e de discutir implicações resultantes dos olhares sobre esses indivíduos expressos nos trabalhos analisados. Realizamos uma revisão de literatura sistemática e concluímos que, nos artigos pesquisados, predominam olhares direcionados para os aspectos biológicos do TEA, não sendo valorizadas as peculiaridades de cada etapa do desenvolvimento nem os elementos socioculturais e individuais.

**Palavras-chave:** Educação especial, transtorno do espectro autista, adolescente, revisão de literatura.

## 1. Introdução

Neste trabalho, que é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento<sup>1</sup>, apresentamos o resultado de um estudo que teve como objetivos analisar quais perspectivas têm embasado as pesquisas sobre a aprendizagem e o desenvolvimento de adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) e discutir implicações resultantes dos olhares sobre esses indivíduos expressos nos trabalhos analisados. Para atingir esses objetivos, realizamos uma revisão de literatura sistemática, a qual consiste em uma modalidade de pesquisa “que busca entender e dar alguma logicidade a um grande *corpus* documental” (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 58).

Analisamos os artigos publicados na *Revista Brasileira de Educação Especial* e na *Revista Educação Especial* do início de 2014 até o fim de 2018. Essas duas revistas foram escolhidas por serem consideradas referência em educação especial, destacando-se como os periódicos nacionais mais bem qualificados nessa área, ambos com Qualis A2 na classificação da

<sup>1</sup> Essa pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da USF e financiada pela CAPES.



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (quadriênio 2013-2016).

## 2. Reflexões sobre os conceitos de adolescência e de transtorno do espectro autista

Não há um consenso em relação às idades que assinalam o início e o fim da adolescência. Como afirma Eisenstein (2005, p. 6), “os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*)”. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado no Brasil em 1990, considera adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Essa variação na definição cronológica dos limites da adolescência resulta das diferenças de critérios adotados e também das diferenças de propósitos de cada instituição. É importante ressaltarmos que essa variação explicita a complexidade do conceito de adolescência e a impossibilidade de analisar esse período da vida considerando apenas os aspectos biológicos.

Facci (2004), fundamentada nas contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin, cujos estudos foram desenvolvidos sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural, afirma que cada estágio ou etapa do desenvolvimento caracteriza-se por uma atividade dominante, que acarreta uma série de mudanças nos processos psíquicos do indivíduo. Segundo Elkonin (1987<sup>2</sup> *apud* BARBOSA; FACCI, 2018), a atividade principal da adolescência é a comunicação com os pares, isto é, com outros adolescentes. A compreensão do outro e de si mesmo na adolescência é favorecida pelo desenvolvimento do pensamento abstrato e da elaboração conceitual (VYGOTSKI, 2012a).

Notamos que há estreitas relações entre o desenvolvimento social, o cultural e o psíquico. Conforme afirmam Barbosa e Facci (2018, p. 50), “o desenvolvimento cultural do adolescente se deve à vida social e à atividade cultural e de trabalho em que está envolto”.

Essa afirmação realça que a passagem de uma etapa do desenvolvimento para outra não é determinada apenas por fatores biológicos, estando fortemente relacionada à interação do indivíduo com o meio e às necessidades e interesses que surgem a partir dessa interação. É por isso que, conforme afirma Facci (2004), as idades de início e de término de cada etapa dependem das condições histórico-sociais em que vive o indivíduo.

Com base nos estudos citados acima, podemos afirmar que, nas pesquisas que tratam da aprendizagem e do desenvolvimento de indivíduos na

<sup>2</sup> ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V. V.; SHUARE, M. (org.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS**: antología. Moscou: Progreso, 1987. p. 125-142.



adolescência, é muito importante que sejam observadas as particularidades dessa etapa da vida e que sejam considerados também os aspectos histórico-sociais e os fatores individuais.

Passemos agora à análise do conceito de transtorno do espectro autista (TEA). De acordo com a quinta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), “as características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social [...] e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 53).

A American Psychiatric Association (2014) informa que é empregado o termo “espectro” porque as manifestações do transtorno variam bastante, embora as características citadas acima se façam presentes – em níveis diferentes de intensidade – em todos os casos de TEA. Essa afirmação refere-se às variações do transtorno sob a perspectiva biológica. No entanto, as manifestações do TEA também apresentam diferenças determinadas por fatores histórico-sociais, isto é, pelas características do meio em que o indivíduo vive e pelo modo como ele interage com esse meio.

As características associadas ao TEA estão claramente relacionadas com as funções psíquicas superiores. Entre essas funções, tipicamente humanas, podemos citar a atenção voluntária, a imaginação criadora, a memória lógica, a elaboração conceitual, a vontade e a linguagem (VYGOTSKI, 2012b).

A relação entre o TEA e as funções psíquicas superiores indica que o modo como as características associadas ao transtorno se manifestam depende do contexto histórico-social em que o indivíduo está inserido, uma vez que “toda função psíquica superior foi externa – por ter sido social – antes de tornar-se interna; a função psíquica propriamente dita era inicialmente uma relação social entre duas pessoas”<sup>3</sup> (VYGOTSKI, 2012b, p. 150, tradução nossa). Como toda função psíquica superior se desenvolve a partir da interação do indivíduo com o outro, as oportunidades de interação vivenciadas por uma pessoa interferem em suas possibilidades de desenvolvimento.

### 3. Análise das perspectivas que fundamentam os estudos sobre adolescentes com transtorno do espectro autista

Do início de 2014 ao fim de 2018 foram publicados, na *Revista Brasileira de Educação Especial* e na *Revista Educação Especial*, 38 artigos cujo foco são indivíduos com TEA. Desses artigos, apenas 11 apresentam dados referentes

<sup>3</sup> “Toda función psíquica superior fue externa por haber sido social antes que interna; la función psíquica propriamente dicha era antes una relación social de dos personas.” (VYGOTSKI, 2012b, p. 150).





a adolescentes<sup>4</sup>.

Analisando esses 11 artigos, verificamos que nenhum deles trata apenas de adolescentes, isto é, todos os trabalhos apresentam estudos envolvendo indivíduos com TEA de diferentes idades, incluindo a faixa etária da adolescência. Quanto aos temas explorados nos artigos, observamos uma grande variedade: atividades físicas (métodos e impactos); acesso e permanência na escola (enfoque quantitativo); processos de leitura; emprego da modelagem em vídeo; percepções dos familiares e dos profissionais a respeito do contexto escolar, das práticas pedagógicas e do processo de aprendizagem; inclusão ou exclusão pelos colegas e reflexões sobre as propostas contemporâneas de escolarização.

Apesar da diversidade temática, todos os artigos apresentam uma característica em comum: em nenhum deles a análise dos dados trata das especificidades do desenvolvimento em cada faixa etária. Os artigos que fazem a divisão dos participantes da pesquisa por idade apresentam apenas dados quantitativos a respeito do ingresso, da permanência e da aceitação dos alunos com TEA de cada faixa etária em escolas da rede regular de ensino. Já os artigos que analisam sob a perspectiva qualitativa o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de pessoas com TEA não fazem diferenciação alguma entre as diversas etapas do desenvolvimento.

Quanto às particularidades individuais, elas não são abordadas em dez dos artigos analisados, prevalecendo neles um olhar voltado para as características que os participantes da pesquisa têm em comum, identificadas com base no que está prescrito no diagnóstico do TEA. Observamos que esses trabalhos apresentam análises pautadas na visão do desenvolvimento humano como um processo estereotipado, que segue um caminho reto e uniforme, independentemente das influências externas. De acordo com essa concepção, bastante criticada por Vigotski, o desenvolvimento é entendido como

a acumulação continuada de mudanças graduais numa única linha de evolução, a biológica. [...] Trata-se de uma concepção pré-formista do desenvolvimento que se aproxima de um modelo de “programação” da existência individual. (PINO, 2013, p. 77).

Apenas um dos artigos analisados apresenta reflexões a respeito das limitações do trabalho pedagógico que se orienta pela adoção de um método considerado apropriado para todos os contextos envolvendo alunos com TEA. As autoras desse artigo não negam as condições orgânicas associadas a esse transtorno nem a importância de elas serem consideradas no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, as autoras realçam que priorizar a adoção

<sup>4</sup> Neste trabalho consideramos adolescentes as pessoas de 15 a 18 anos, uma vez que essa faixa etária está inserida dentro dos limites de idade estabelecidos para a adolescência pela OMS, pela ONU e pelo ECA.



de um método específico resulta em um olhar generalizante, que ignora as peculiaridades de cada aluno, de cada professor e de cada contexto de aprendizagem (GUARESCHI; NAUJORKS, 2016).

Um dos principais problemas decorrentes da priorização do método em detrimento da análise das condições específicas envolvidas em cada situação consiste na limitação das oportunidades de aprendizagem oferecidas aos alunos com TEA. Quando se defende o emprego de um único método para o ensino de pessoas com determinada deficiência, parte-se do pressuposto de que as possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento dessas pessoas são determinadas por suas características biológicas.

É muito importante, portanto, que os pesquisadores da área de educação se esforcem por compreender e revelar a complexidade do processo de ensino e aprendizagem a fim de que possam contribuir para que os professores desenvolvam um olhar amplo em relação aos alunos com TEA.

#### 4. Considerações finais

Por meio do estudo desenvolvido, foi possível alcançarmos os objetivos estabelecidos. Analisando os artigos publicados na *Revista Brasileira de Educação Especial* e na *Revista Educação Especial* do início de 2014 ao fim de 2018, verificamos que há uma pequena quantidade de trabalhos voltados ao estudo de adolescentes com TEA. Observamos também que as pesquisas que envolvem alunos na adolescência não tratam das particularidades do desenvolvimento do indivíduo nessa etapa da vida. Isso se deve ao fato de os olhares dos autores estarem mais direcionados para as características gerais relacionadas ao TEA.

Devido ao foco nas condições orgânicas determinadas pelo transtorno, também deixam de ser abordadas em quase todos os artigos as características individuais de cada participante da pesquisa, resultantes de suas experiências particulares. Constatamos, portanto, que há nos trabalhos analisados uma forte influência da concepção pré-formista do desenvolvimento humano.

#### Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, L. M. T.; FACCI, M. G. D. Contribuições da psicologia histórico-cultural para o ensino médio: conhecendo a adolescência. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 47, p. 47-55, 2. sem. 2018. Disponível em: <https://>



revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/42158/28083. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm). Acesso em: 21 abr. 2020.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167). Acesso em: 20 abr. 2020.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20092.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4188>. Acesso em: 17 abr. 2020.

GUARESCHI, T.; NAUJORKS, M. I. A educação do garoto selvagem de Aveyron e a proposta contemporânea de escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: possibilidades de leitura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 56, p. 609-620, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/23725/pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

PINO, A. Natureza e cultura: as funções naturais na constituição cultural do homem. In: SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. H. (org.). **Estudos na perspectiva de Vigotski: gênese e emergência das funções psicológicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 71-98.

VYGOTSKI, L. S. Desarrollo de los intereses en la edad de transición. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: psicología del adolescente; problemas de la psicología infantil**. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012a. p. 11-46.

VYGOTSKI, L. S. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012b. p. 139-168.